



Director literario:  
*Albuquerque*  
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

# O SECULO

Director artistico:  
*J. Duarte*  
 PAPUSSE

## Preto, Branco e Cinzento



*Abel — eis um pretalhão  
 Que, chegado da Guiné,  
 Reside com seu patrão,  
 Lá para as bandas da Sé.*



*Quando vai a algum recado  
 Ou fazer compras, Abel  
 Vê-se muito atrapalhado,  
 Todos se metem com ele.*



*Para evitar o desgosto  
 De sofrer tanto arremesso  
 Resolveu pintar o rosto  
 Com cal, grude, tinta e gesso.*



*E assim pintado girou...  
 De «bonet», bata e tamancos,  
 Mas aí! tão branco ficou  
 Que era mais branco que os  
 brancos.*



*Nisto começa a cair  
 Chuva batida do vento  
 E tudo começa a rir  
 Ao vêr o preto cinzento.*

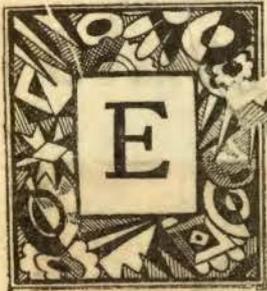


*.....  
 Assim Deus quiz ensinar,  
 Com essa chuva do céu,  
 Que ninguém deve alterar  
 O que a Natureza deu!*

# O MENINO BONITO

## OU O PEQUENO CAVALEIRO

POR MARIA LEONOR LIMA  
BRANDES—DESENHOS DE  
EDUARDO MALTA



ERA uma vez um menino muito bonito e muito estudioso, que vivia com seus pais numa linda casinha situada à beira dum rio.

A' porta da casa do menino bonito passava um regato que ia dar ao rio. Uma vez ao dar a meia noite, hora fatídica, hora em que as bruxas e lobisomens saíam das suas cavernas, para só praticarem maldades, encontrava-se o menino bonito sentado à lareira a aquecer-se,

porque o inverno era rigoroso, quando ouviu uma voz dizer que fôsse o menino bonito prevenir o rei que, à meia noite do dia seguinte, iria ao palácio a bruxa malvada, roubar a princesa Matilde. O menino bonito estava acompanhado por toda a sua família e todos olharam e não viram quem falava.

O menino bonito veio cá fóra e ouviu distintamente a mesma voz dizer:

— Não te assustes, sou eu, a água do regato, quem te fala.

O menino bonito era muito vivo e muito cheio de coragem. Medo não sabia o que era, e, à água do regato, que ia na levada límpida, cristalina, perguntou:

— Que me queres, água do regato?

— Que vás dizer ao nosso rei, que à meia noite de amanhã, vai a bruxa malvada roubar-lhe a filha a linda princesa Matilde.

— E como posso eu ir avisar o rei com tão pouca antecedência, se o palácio real, é daqui distante tantas léguas, e eu não tenho outro meio de transporte, além das minhas pernas?

— Meio de transporte, terás tu. Olha para a tua esquerda.

O menino bonito olhou e viu um lindíssimo cavalo branco arreado de ouro reluzente e fulgurantes pedras preciosas. As ferraduras do cavalo eram de prata fina, as esporas e o chicotinho do cavaleiro eram também de fino ouro! O fato do cavaleiro era o mais rico fato dos cavaleiros de todo o mundo!

O pequeno cavaleiro montou o lindo cavalo branco ricamente ajazado e seguiu a caminho do palácio atravessando serras cobertas de neve, até que chegou a um ponto onde não viu senão céu e horríveis precipícios.

— Água do regato, valei-me nesta triste situação!

E a água do regato logo lhe valeu, mostrando-lhe o caminho que ia ter ao palácio real.

O menino bonito sabia muito bem as instruções que lhe dera a água do regato e seguiu o caminho que a água lhe ensinava.

Depressa chegou ao palácio, mas uma vez lá chegado surgiram-lhe dificuldades por todos os lados. Como nunca tivessem visto um cavaleiro em montada tão rica, e já por saberem que não era conhecido, não acreditaram no que o pequeno cavaleiro dizia. Muitos pensaram até que fôsse alguém para fugir com a princesa.

A água do regato viu as dificuldades que surgiram ao menino bonito e remediou logo o caso.

Enviou o seu corvo branco a proteger o pequeno cavaleiro e o corvo voando com rapidez espantosa levou novas instruções da água do regato, ao menino bonito e então este tudo resolveu num instante. Passou por toda a parte sem ser visto e quando chegou ao palácio mais o seu cavalo, só o rei o viu e veio ao seu encontro.

— De onde sois, cavaleiro desconhecido?

— Dêste país, bom rei.

— E que queres dêste palácio?

— Do palácio nada quero, venho aqui, simplesmente, cumprir uma sagrada missão.

— Então?

— Venho salvar a princesa Matilde!

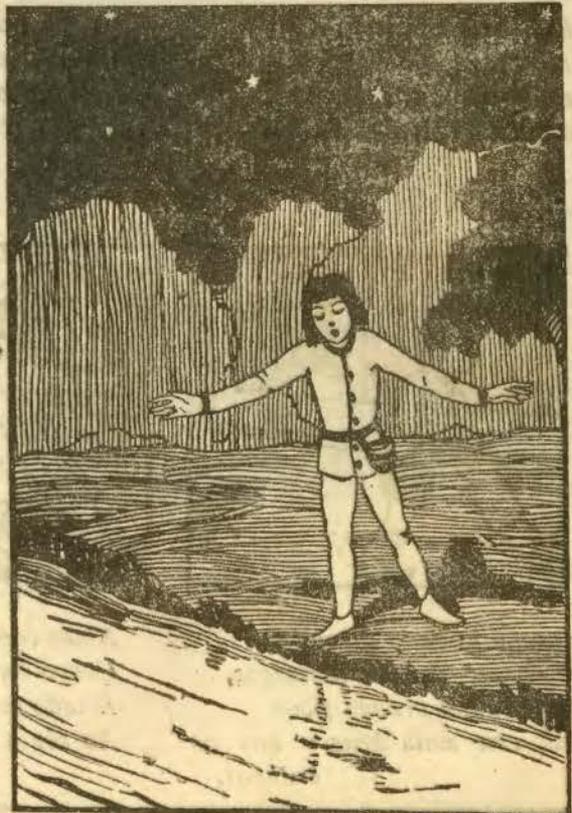
— Corre risco a minha filha?

— Risco de morte. Mas se me obedeceres, salvá-la-hei.

É a bruxa malvada que a quere raptar à meia noite. Mandai que todos se recolham aos seus quartos, e a mim deixai-me ficar no quarto da princesa.

O rei percebeu que não havia outro meio de salvar a sua querida filha, consentiu em tudo que o pequeno cavaleiro lhe disse.

Todos se deitaram e o menino bonito, a sós, com o rei, disse-lhe:



— Eu sei que a princesa está para casar com um príncipe muito bonito e muito rico. A princesa, apesar de nunca a ter visto, sei que é a mais linda de todas as princesas. O casamento traz a felicidade para este reino. O príncipe traz



uma riqueza enorme em pedras preciosas que reduzidas a dinheiro não cabe nos cinco mil cofres fortes de Vossa Magestade.

— Tanto não sabia eu, pequeno cavaleiro!

— Pois é verdade. E agora senhor, deixai que eu toque com o meu *stic* no vosso fato para o fazer desaparecer à vista de toda a gente.

— Mas eu não quero desaparecer?!

— Não tenha medo, não sai aqui do quarto da princesa. Entraram no quarto da filha do rei, que dormia um sono inocente, com um sorriso nos lábios.

— Vossa Magestade fica à cabeceira da cama, (disse o pequeno cavaleiro em voz baixa, para não acordar a princesa, tocando com o chicotinho no fato do rei).

Eu ponho-me aqui atrás deste reposteiro à espera da bruxa malvada.

Passados momentos, a janela do quarto abriu-se lentamente, e um passarito negro entrou no quarto e logo se transformou numa velha bruxa. Era a bruxa malvada em carne e osso!

A princesa acordou e dando com os olhos na bruxa, deu um grito muito agudo e desmaiou. O Rei esteve quasi á saltar em cima da bruxa e a matá-la, mas lembrando-se que estava o salvador da princesa atrás do reposteiro, não fez nada. E foi melhor.

— Querias então casar, linda princesa? Eu te digo com quem casar! (disse a bruxa).

— Há-de casar com o príncipe seu noivo! (disse o pequeno cavaleiro, saindo detrás do reposteiro com o *stic* na mão).

— Quem és tu garotão? (disse a bruxa com voz de trovão).

— Sou um cavaleiro pequeno, mas, apesar de pequenino, não tenho medo da tua voz.

— Vou transformar-te em saramantiga, garoto impertinente.

— É o que vamos ver. !...

A bruxa cresceu para ele, mas o menino bonito antes da bruxa chegar ao pé dele, tocou-lhe com o *stic* e logo a bruxa malvada desapareceu sem se saber como, nem para onde!

O rei muito contente abraçou o salvador de sua filha. A princesa acordou e o rei contou-lhe tudo. A princesa beijou o pequenino cavaleiro. Foram chamados todos os fidalgos da corte, damas de companhia, criadas, enfim, toda a gente do palácio e o resto da noite levaram-na a dançar. Quando amanheceu o pequeno cavaleiro veiu aos jardins. A princesa Matilde veiu atrás dele, e perguntou-lhe:

— De onde vieste?! Dize-me a tua origem?!

Ouve! E quem te deu o poder para me salvars?

— Sou daqui muito distante,  
Filho de pais pobresinhos;  
Fadou-me a água cantante  
Que corre nos ribeirinhos!

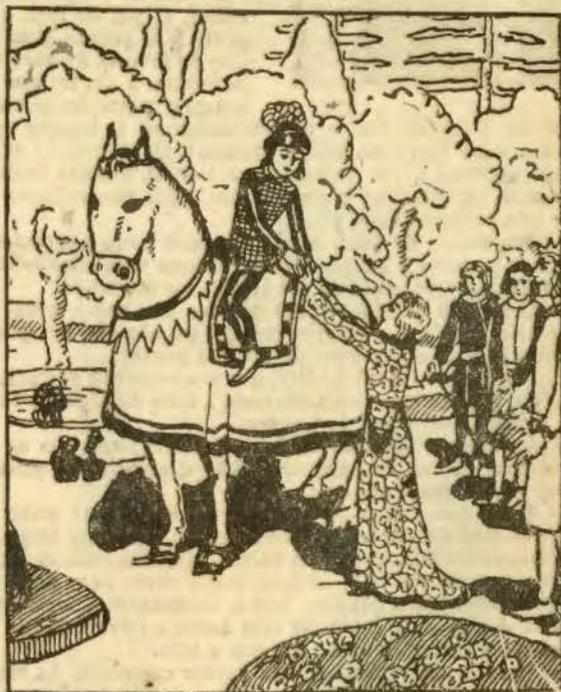
— E não dizes mais nada, meu lindo cavaleiro?

— Mais nada podes ouvir,  
É um segredo da água.  
Adeus, adeus... vou partir  
Embora cheio de mágua.

— Assim tão depressa?

— É assim preciso, bela princesa! Chamai os cortesãos e mandai trazer o meu cavalo.

A princesa chamou os cortesãos e mandou vir o cavalo. O pequeno cavaleiro ou o menino bonito como lhe queiram chamar, despediu-se de todos. O rei e a princesa beí-



jaram-no e o cavalo estendeu as pernas até tocar com o peito no chão. O pequeno cavaleiro montou, desaparecendo num instante à vista de todos, que ficaram de boca aberta e a princesa na mais profunda meditação.

F I M

# HISTÓRIA DE JOEL

POR MARIA LEONOR  
LIMA BRANDES

DESENHOS  
DE EDUAR-  
DO MAL-  
TA



RA uma vez um gigante que tinha um filho chamado Joel. O gigante era tão alto como uma casa e o filho muito pequenino, o que admirava muita gente. Joel tinha dez anos. Era uma criança muito inteligente, era um grande sonhador. Os seus sonhos saíam sempre certos. O pai de Joel, o gigante, era guarda dum bosque de árvores de ouro, que pertencia a um rei que punia, com pena de morte, o

menor atentado contra os seus domínios. O bosque era a coisa mais linda de todo o mundo! Os frutos, as folhas das árvores... era tudo de ouro! O sol quando batia no bosque, apresentava o espectáculo mais maravilhoso que se tem visto até hoje.

Em noites de luar, ainda era mais lindo o espectáculo que se gosava; o bosque iluminava com seus raios brilhantes e fulgurosos, mais de dez léguas em derredor!

O gigante tinha cinco mil guardas auxiliares, e não era demais, porque o bosque era tão grande que era preciso um mês para o percorrer de ponta a ponta!

O gigante «Pantaleão III», que era assim que se chamava, havia já dias que vinha sentindo a falta de algumas folhas e frutos de certa rua do bosque.

Reforçou os guardas da rua aonde lhe roubavam os frutos e as folhas de ouro, mas não descobria o roubador, por mais tentativas que fizessem.

O rei quando soube do caso, ficou furioso; tinha um génio muito mau, tinha maus fígados, era uma fera completa. Jurou que, se fosse o ladrão agarrado, seria dependurado por debaixo dos braços, numa trave dum palanque, armado em praça pública, e que, lentamente, o faria descer para dentro dum caldeirão com azeite a ferver! E que premiaría o guarda, que lhe deitasse a mão.

Uma noite roubaram uma árvore completa, da mesma rua aonde tinham roubado as folhas e os frutos de ouro.

O rei, cada vez mais furioso, como se pode imaginar, mobilizou todas as suas tropas para o bosque, e ali bivacaram mais dum mês, sempre de espingardas aperradas.

Contudo continuavam roubando grande quantidade de frutos e folhas de ouro.

Sempre da mesma rua, sem que vissem quem era o ladrão! Havia ali um grande mistério, que era a todo o transe preciso desvendar. O rei perdeu algumas noites de guarda ao bosque, para de viso observar se era algum dos seus guardas o ladrão do seu ouro.

O rei nunca viu cousa alguma e as folhas e frutos de ouro desapareciam, misteriosamente, todas as noites. Era mesmo quando o rei lá ficava de guarda, que os roubos eram mais importantes!

Joel, o filho do gigante Pantaleão III, quiz falar ao rei e não o queriam deixar entrar, mas o pequeno tanto teimou, que conseguiu falar-lhe.

O rei estava até com certa curiosidade de saber o que o pequeno Joel lhe queria dizer. Recebeu-o como se recebe um homem de categoria. O rei mandou-o entrar para o grande salão de visitas, mas o pequeno, coitado, ao entrar, escorregou nos encerados muito polidos e caiu. O rei riu-se muito porque Joel não deu mais um passo, agarrou-se a um movel, e dali não saiu.

— Anda Joel, senta-te nesta cadeira.

— Daqui é que eu já não saio, não quero cair outra vez. Mesmo daqui digo a Vossa Magestade o que me traz cá.

— Dize lá, Joel.

— Quero ficar uma noite no bosque de árvores de ouro, sòzinho.

— Para que queres tu lá ficar sòzinho?

— Para não deixar roubar mais ouro do bosque de Vossa Magestade.

— Tu deliras, pequeno?! Vai-te deitar que isso deve ser sono.



— Estou bem acordado, meu senhor, Dormir, dorme Vossa Magestade quando fica no bosque a guardar o seu ouro!  
 — Não me apoquentes, pequeno, vai-te embora.  
 — Vossa Magestade está em sua casa e eu obedeço, mas fique desde já sabendo que, daqui por alguns anos, roubam-lhe todo o ouro do bosque.



Era isto simplesmente que Joel não podia contar ao rei. Se o contasse morreria. Estava Joel já um pouco assustado, escondido no bosque, por não ver aparecer a velhinha. De repente, ouvi uma voz chamar pelo seu nome e respondeu:

— Estou aqui escondido.  
 — Aparece não tenhas medo, sou eu, a velhinha. Joel apareceu e a velhinha falou-lhe assim:  
 — Eu sou a fada protectora dos meninos inteligentes. Tu mereces a minha protecção porque és inteligente e bom rapaz; por isso eu vou ensinar-te o que hás-de fazer, que pouco é, para os ladrões fugirem. O chefe da quadrilha ficará no bosque sozinho a encher o saco de frutos e folhas de ouro. Tu quando o vires a encher o saco, falas-lhe desta maneira.

— Eh bandido! Então julgas que, por não veres os guardas e os soldados, roubas hoje alguma coisa?! Se tocares só numa folha mais, morrerás. Mas antes disto, quando vires entrar no bosque, a quadrilha, dirás: Maus ladrões, vão-se embora, senão morrerão todos!

Os ladrões ficarão muito assustados por não descobrirem quem lhes fala, e fugirão todos deixando o chefe sozinho. E quando este começar a encher o saço, tu dirás o que já te ensinei. E, dizendo isto, a velhinha se transformou numa linda fada e desapareceu do bosque, misteriosamente. Joel ficou sozinho, encheu-se de coragem e aguardou os acontecimentos.

Não tardou que não aparecesse a numerosa quadrilha de malfeitores.

Joel escondeu-se o mais que pôde, mas não era preciso porque a fada, tornou-o invisível à vista dos ladrões.

Ficou a quadrilha muito surpreendida, quando viu o bosque abandonado completamente. Um dos ladrões disse ao chefe que tinha um pressentimento que não lhes aconteceria boa coisa.

Quando os ladrões se dispunham a fazer a colheita, Joel gritou-lhe: Maus ladrões, vão-se embora, senão morrerão todos.

Os ladrões ficaram muito assustados, olharam em todas as direcções e não viram ninguém. Parecia-lhes que a voz lhes falava debaixo do chão. Ficaram aterrorizados e fugiram todos. Só o chefe ali ficou, e, quando começou a encher

— O rei pensou bem no que o pequeno lhe disse e pediu-lhe explicações, mas o pequeno não lhas podia dar.

Ele lá sabia!... Foi para casa sem se despedir do rei e contou ao pai Pantaleão que tinha ido falar com o rei sobre o bosque das árvores de ouro e que logo à entrada o recebeu bem, mas que, quando lhe disse que queria ficar uma noite sozinho no bosque, não lhe deu atenção de maior.

— Pois tu foste dizer ao rei que querias ficar uma noite no bosque? E para quê?

— Para não deixar roubar mais nada do bosque. Foi o mesmo que eu disse ao rei.

— Tu não vês que são todos os meus guardas, são todas as tropas dos regimentos da nação, e não conseguem sequer ver como o ouro é roubado?

— Não conseguem ver porque se deixam dormir, e assim está bem, a dormir não se vê nada. Pois fique sabendo, meu pai, que a quadrilha não é muito numerosa. É a quarta parte dos seus guardas. O chefe traz à cinta uma caixinha com qualquer coisa dentro que, abrindo-a, faz dormir rapidamente durante duas horas todos os guardas do bosque.

— Então, também os ladrões adormeciam!

— Não adormecem porque todos trazem uma caixinha à cinta, que abrem ao mesmo tempo que o chefe abre a sua.

— E depois?

— Depois, não dormem porque o que eles trazem na caixinha afasta para longe, o que o chefe traz na sua.

— Então sim! disse o Pantaleão III, já muito admirado.

— E não me pergunte mais nada, que eu não lho posso dizer. Vá ao palácio dizer ao rei que me deixe ficar no bosque, sozinho e só uma noite. Se me matarem, é menos um no número dos vivos.

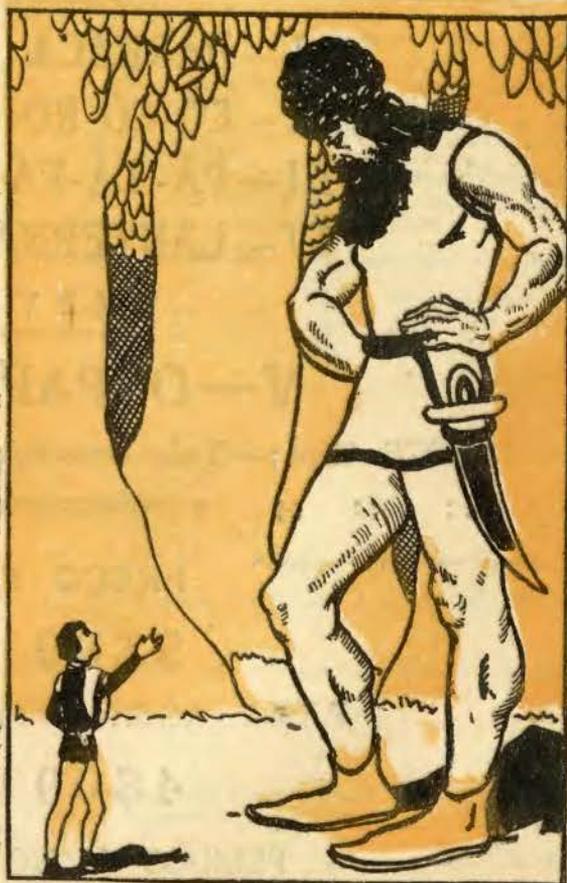
— Bom, eu vou pedir ao rei para me deixar ficar uma noite no bosque. E foi.

O rei deu ordem para não saírem dos quartéis as suas tropas, naquela noite. O pessoal às ordens do gigante Pantaleão III, também não saiu de suas casas.

Joel, quando entendeu, foi esconder-se no bosque.

E agora vou eu, minhas meninas e meus meninos, dar-vos as explicações que Joel não pôde dar ao rei e a seu pai Pantaleão III

Joel sonhou que, se fosse ao bosque, à noite, lá lhe aparecia uma velhinha que lhe ensinaria o que havia de fazer para apanhar os ladrões do ouro do rei.



o saco, ouviu dizer: Eh bandido! Então julgas que, por não veres os guardas e os soldados, roubas hoje alguma coisa? Se tocares só numa folha mais, morrerás!

O bandido não fez caso e quando ia a tocar numa folha, caiu morto.

Joel aproximou-se e viu-lhe a tal caixinha à cinta. Joel tirou-lhe a caixa com muito cuidado e enterrou-a. Depois foi a correr chamar o rei para ir ao bosque. O rei foi e viu tudo.

- Quem matou o homem?
- Fui eu, quem havia de ser?
- E como o mataste?
- E' segredo.
- Não insisto. E o resto da quadrilha?
- Fugiu com medo de mim!

O rei mandou enterrar o chefe dos bandidos à entrada do bosque e mandou, na sepultura, pôrem uma cruz com este epitáfio:

## AQUI JAZ

O CHEFE DA QUADRILHA DE LADRÕES, MORTO POR JOEL, FILHO DO GUARDA PANTALEÃO III. JOEL TINHA DEZ ANOS, COM A SUA CORAGEM E INTELIGENCIA AFUGENTOU MAIS DE MIL LADRÕES QUE ROUBAVAM O OURO DESTE BOSQUE, E MATOU O CHEFE DA QUADRILHA

I. R. I. P. :

O rei deu uma grande fortuna a Joel, e não lhe deu uma filha em casamento, porque a não tinha

A velhinha apareceu, uma noite, em sonho, a Joel e disse-lhe: Lembra-te sempre da fada tua protectora. Eu sou a velhinha, a sua transformação. E nisto fugiu e Joel nunca mais a viu até ao último dia da sua vida que foi cheia de felicidade.



# BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM

A COLEÇÃO DE LIVROS PARA CRIANÇAS, MELHOR E MAIS BARATA

VOLUMES PUBLICADOS:

- I — BARRACA DE FANTOCHES
- II — CÔ-CÔ-RÓ-CÔ
- III — PÁ-TÁ-PÁ
- IV — LANTERNA MÁGICA

BREVEMENTE

## V — O PAPAGAIO AZUL

NOTE BEM: — Todos estes volumes são impressos em magnífico papel

:: :: :: e profusamente ilustrados a côres :: :: ::

PREÇO POR VOLUME

5\$00 ESCUDOS

PARA ASSINANTES DE "O SÉCULO"

4\$00 ESCUDOS

PEDIDOS A' NOSSA ADMINISTRAÇÃO

# HORA DO RECREIO

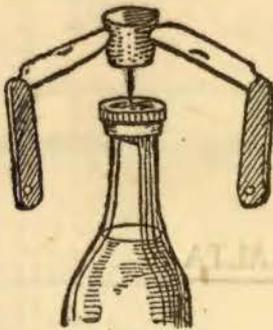
## MECANICA ENGENHOSA

### Máquina de furar de novo modelo

Em cada uma das faces opostas de uma rôlha enterremos a ponta de um canivete; depois, no centro de uma das extremidades da rôlha enterremos sólidamente um grande e forte alfinete.

Feito isto, e poisando a cabeça dêste alfinete na ponta do dedo, conseguiremos equilibrar o aparelho fechando parcialmente os canivetes.

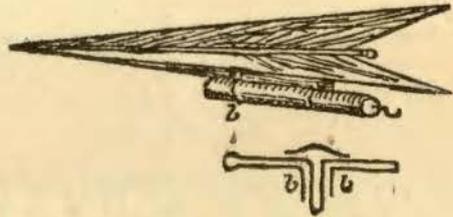
Procedendo como indica a fig. abaixo, podemos fazer



girar o alfinete enterrado na rôlha sobre o bico de uma agulha. Quando se obteve o equilíbrio e se deu um movimento de rotação ao aparelho, nota-se que o alfinete, que é de um metal mais mole, é furado pela agulha de metal mais duro.

### O navio aéreo do futuro

Corta-se num cartão uma seta de 30 centímetros de comprimento, o que facilmente se consegue dobrando o cartão segundo as indicações das fig.<sup>as</sup> abaixo. Colemos uma tira



de papel delgado em *a* para reunir os dois lados da seta, verifiquemos o seu bom funcionamento lançando-a com a ponta para a frente. Deve pelo menos, percorrer com êste impulso 15 a 20 metros.

Fixe-se em seguida, de cada lado do que se pode chamar a *quilha* desta espécie de navio, em *b*, uma granada de fogo de artifício, fácil de adquirir em qualquer estabelecimento da especialidade.

Erga-se então ao alto a seta com a mão esquerda e largue-se fogo às granadas.

Logo que os gazes se escapem, o recuo sofrido pela seta vai impeli-la para a frente e fazê-la voar a grande distancia, enquanto durar a combustão da pólvora.

## ADIVINHAS

I

Qual a coisa qual é ela...  
Que é redondinha mas rasa  
E passa a vida à janela  
Sempre que entra em sua casa?!

II

Vive ao pé de certa planta,  
A' gente baixa faz falta;  
Mesmo sem voz nem garganta,  
Diz que salta mas não salta?!

### DECIFRAÇÃO DAS ANTERIORES:

- 1 — Saia
- 2 — Brinco

## ANEDOTAS

I

Um beerrão é obrigado, por doença, a misturar água com vinho. Ao realizar a operação, diz com tristeza e desconsolo:  
— E digam lá que a união faz a força.

II

— Semei, num vaso que puz à janela, uns cravos; e sabem o que me apareceu?!

— Cravos, naturalmente!

— Qual!... Apareceu-me um polícia a dizer que tirsasse o vaso da janela se não queria pagar uma multa!

III

Dizia uma senhora já entradota em anos mas que ainda se pintava:  
— Já coisa alguma me dá prazer! Renunciei a tudo quanto no mundo nos pode distraír.

— Perdão, minha senhora, (volve-lhe alguém que estava presente.) V. Ex.<sup>a</sup> ainda não renunciou à pintura!

# LÍNGUAS DE GATO

POR

GRACIETTE  
BRANCO



DESENHO DE EDUARDO MALTA

**C**ONHECEM, — (julgo que não),  
um certo  
menino esperto  
Chamado Carlos Alberto  
Ferrão?

Tem dois anos, creio eu!  
— E' um anjinho do Céu!...

Pois este menino esperto,  
chamado Carlos Alberto,  
tem uma predilecção:  
— sempre que junta dinheiro  
no mealheiro  
ou nos bolsinhos do fato,  
é o que é que ele ha de comprar  
p'ra papar??

— línguas de gato!

Sempre nos seus bolsinhos  
dos calçõesinhos  
do fato  
macaco,

anda um saco  
de papel,  
com seu sabido farnel:

— línguas de gato!

E querem agora ouvir  
o seguinte?  
— No outro dia, um pedinte,  
rotinho,  
magrinho,  
foi-lhe pedir  
esmolinha.

E logo o Carlos Alberto  
foi a saltar  
muito esperto,  
buscar  
ao seu mealheiro,  
o dinheiro  
que lá tinha.

Depois, quando à porta assoma  
seu rostozinho sensato,  
diz-lhe simplesmente: — «toma;  
vai comprar  
línguas de gato...»